

Mulheres da família: as descendentes de Beile, uma história não escrita

The women of the family: Beile's descendants, a non-written history

ELAINE PEDREIRA RABINOVICH

Psicóloga, doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, Bahia, Brasil. Pós-doutoranda na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP).

RESUMO Este artigo focaliza algumas mulheres descendentes de Beile, esposa do responsável religioso pela Colônia denominada Philippon, localizada em Santa Maria, Rio Grande do Sul, para onde judeus da Bessarábia, vieram em 1904, trazidos por um projeto da *Jewish Colonization Association* (ICA). O objetivo do trabalho é trazer alguma luz à falta de informações sobre as mulheres na troca de correspondência entre os administradores da Colônia e a Direção da ICA em Paris, contrastando-a com posições ocupadas socialmente por algumas descendentes desta primeira colônia. Propõe também questões de um re-olhar para o passado que constituiu a identidade presente. Utiliza como instrumentos os dados obtidos pelas cartas enviadas pelos administradores da colônia à sua diretoria entre 1901-1914 e entrevistas realizadas com os descendentes dessa pioneira. Tais entrevistas trazem relatos sobre várias mulheres descendentes que tiveram papel de pioneiras em suas atividades profissionais no Brasil. A análise se deu em torno dos termos: predisposições herdadas, heranças simbólicas: judaísmo; herdeiros, herança, hereditariedade. Concluiu-se que houve uma obrigação de transmissão, implicando a transmissão de laços de solidariedade familiar em que as mulheres, guerreiras ou não, capitanearam a travessia na terra estranha.

PALAVRAS-CHAVE Judaicidade; Brasilidade; Mulheres.

ABSTRACT This article focuses some women who are descendants of Beile, wife of the first religious leader in Philippon's Colony, located in Santa Maria, Rio Grande do Sul, to where Jews from Bessarabia came in 1904 brought by a project of colonization named *Jewish Colonization Association* (ICA). This work aims to bring some light to the complete absence of information about women in the correspondence between the managers of the colony and its direction located in Paris, contrasting with the subsequent outstanding positions assumed by some women who descended from this pioneer. It also proposes to relook the past that shaped the present identity. In this research, data were collected from the letters written by the managers to the direction (from 1903 to 1914) and also from interviews with this family descendants. These interviews report many of these women as being pioneers in their professional activities in Brazil. The analysis was built considering the terms: inherited predispositions; symbolic heritages: Judaism; heirs, inheritance, heredity. The research leads to the conclusion that an obligation of transmission has occurred, implying the transmission of family solidarity bonds where women, warriors or not, captained the voyage in the foreign land.

KEYWORDS Jews; Brazility; Women.

Introdução

ESTE ARTIGO¹ FOCALIZA A CONTRIBUIÇÃO À COMUNIDADE BRASILEIRA DE ALGUMAS mulheres de uma família de judeus russos, vindos da Bessarábia, em 1904, para a Colônia Philippon, cuja descendência alcança já seis gerações e da qual sou uma descendente da quarta geração. Visa enfatizar que as mulheres sempre estiveram fortemente presentes e atuantes nos ambientes judaicos, embora sub-representadas em documentos sobre a vida judaica, religiosos ou não. O trabalho propõe, ainda, questões de um re-olhar para o passado que constituiu a identidade presente.

Este texto é um recorte de um estudo mais amplo, que se dedicou à leitura de cartas enviadas pelos administradores da colônia à ICA², de 1903 a 1914, e à realização de entrevistas com os descendentes, netos e bisnetos do Reverendo Abraham Steinbruch (responsável religioso da colônia) e de sua esposa Beile.

A fonte documental está representada por essas cartas, em que os administradores da colônia prestam contas à direção central da ICA localizada em Paris. Tais cartas estão na biblioteca da Association Israélite Universelle (AIU), em Paris, em duas pastas denominadas ICA I e ICA II, em bom estado, provavelmente por terem sido pouco manipuladas. Destacamos esse detalhe pois tivemos também acesso aos documentos produzidos pela ICA denominados “Rapport de l’administration centrale du conseil de l’administration”, dos anos 1903 até o ano 1938, localizados na New York Public Library, Dorot Jewish Division, e esses documentos estavam se desmanchando ao toque das mãos. Esses “Rapports” são os relatórios anuais da ICA quanto aos seus empreendimentos no mundo inteiro, nos quais consta o Brasil, embora em poucas páginas, principalmente se comparado ao programa de colonização realizado na Argentina. Os “Rapports”, conforme dito, eram relatórios anuais, mas estão encadernados a cada dois anos, não havendo relatórios entre os anos 1914-1918. Finalmente, complementando esta série de documentos, há as cartas escritas pela direção geral em Paris aos administradores de Philippon, que estão localizadas no Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, em São Paulo, também em bom estado. Nessas missivas, os dirigentes respondem às cartas e solicitações dos administradores da colônia. As três bibliotecas citadas acima são de acesso público, embora seja necessário agendar horário para os documentos a serem manipulados.

O método de coleta consistiu em transcrever o material em cadernos de campo e fotografar algumas páginas como registro. Com o intuito de facilitar a pesquisa, a consulta foi feita principalmente ao material transcrito. Cabe acrescentar que foram realizados três ciclos de visitas à AIU e dois à biblioteca pública de Nova York. O material menos visitado foi o localizado em São Paulo.

A outra fonte do presente estudo são entrevistas realizadas com descendentes do reverendo, com o objetivo de complementar a história desta colonização no que ela significou para a vida das pessoas nela inseridas. Dentre essas entrevistas, algumas descendentes mulheres relataram a projeção de elementos femininos na sociedade brasileira, em evidente contraste com a ausência da presença feminina nos documentos acima citados. Essas entrevistas foram realizadas de modo aberto e, em algumas delas, os dados foram fornecidos espontaneamente, ou seja, surgiram sem indução por parte da pesquisadora. Tal metodologia une, portanto, um procedimento clássico à história, que é a busca de informações por meio do acesso a documentos, e um procedimento usual à psicologia, que é entrevistar pessoas sobre suas histórias de vida. Podemos pensar, a partir de Halbwachs (1990) que são as repercussões, individuais, grupais e sociais, e não tanto acontecimentos em si, que estão na memória dos entrevistados. Deste modo, cruzam-se vários níveis e temporalidades em tais relatos, sejam eles orais, como nas entrevistas, sejam eles escritos, como na documentação por meio de cartas datadas de 1903 a 1914. No entanto, sem o acontecimento, tais memórias não forneceriam história (ROMANO, 2010).

A escolha do tema do presente estudo se deve a duas premissas: à ausência de menção às mulheres nos documentos acessados e à presença de algumas mulheres que vieram a se destacar na vida

comunitária do Brasil. Tomando como objeto de estudo mulheres de uma mesma família, essas premissas estão mergulhadas em dois contextos mais amplos: o da judaicidade e o da brasilidade.

Judaicidade e brasilidade

O que marca ou define um estrangeiro é ser “um homem sem história” (SCHUTZ, 1974, p. 100), dado o lugar de origem representar a sua própria história. Ao deixar esse lugar, a pessoa perde as suas referências e tem de adquirir outras. De modo equivalente, os judeus russos adquiriram outras referências, a da terra onde aportaram: o Brasil. Judaicidade e brasilidade passaram a não se contrapor.

A criação de novas referências, a partir do ambiente em que os imigrantes se encontraram, está usualmente presente quando se aponta sua assimilação rápida aos costumes nativos. Muitas são as possíveis razões para esta rápida nova “roupagem”, principalmente por parte dos mais jovens. Este grupo inicial chegado ao Brasil dentro do projeto de colonização da ICA estava constituído por pessoas religiosas, como pode ser visto nos trajes usados e nos relatos de seus descendentes. A chegada ao Brasil, no entanto, e o fato de, em poucos anos, terem se afastado da colônia devido às dificuldades encontradas para lá sobreviver fez com que tivessem poucos contatos com outros judeus, pelo menos durante certo período de suas vidas, até terem se estabelecido associações judaicas que permitiram a congregação destas pessoas. (ALEXANDER, 1967; GRITTI, 2004; GUTFREIND, 2004; 2009; LESSER, 1991; NICOLAIEWSKY, 1975; EIZIRIK, 1986; SOIBELMANN, 1984; WAINBERG, 2004).

Cavignac (2001), ao analisar as histórias de vida de migrantes nordestinos para a cidade de Natal, Rio Grande do Norte, relata que o sentimento de identificação com o grupo de origem desapare-

ce no caso de migrações satisfatórias, quando ocorre uma “identificação com o novo local de vida e uma reapropriação do espaço, através da negação das suas raízes” (CAVIGNAC, 2001, p. 79). No esforço de se lidar com estigmas ligados à origem, o “antes” aparece como “aqui não tinha nada, era tudo mato” (CAVIGNAC, 2001, p. 84), reforçando a ideia de que o passado é trabalhado a partir do presente. Há uma reinvenção da história a cada evocação do passado (CAVIGNAC, 2001, p. 87).

Os judeus russos emigraram forçados por penosas condições de vida (ELKIN, 1998; NORMAN, 1985). Um estudo detalhado da condição judaica na Rússia, encomendado pela ICA para dar suporte às suas futuras ações nesta área (JEWISH COLONIZATION ASSOCIATION, 1906; 1908), ao mesmo tempo em que relata que os judeus lá estavam havia séculos, revela a sua condição de não cidadania, além dos pogrons e da redução de sua residência ao *Pale of settlement*, ou seja, à *Zona de residência judaica*, o que intensificou seus conflitos e sua penúria.

Durante anos, no Brasil ao menos, a memória dessa época permaneceu em latência. Mas, como Cavignac (2001) aponta, há uma redescoberta de um passado que pode ou não ter existido, mas que é recriado para dar origem e referenciar um passado que, de certo modo, foi totalmente perdido, como no caso dos judeus da Bessarábia, no qual nada mais recorda a sua anterior existência.

Ao se focar a trajetória de uma família, estaríamos acessando a história coletiva do grupo ao qual pertence – no caso, judeus radicados inicialmente no Rio Grande do Sul – e lançando uma proposta de um re-olhar para o passado que constituiu a identidade presente.

Em um estudo com migrantes italianos na região de Santa Maria – na mesma região onde estava a colônia Philipppson e para a mesma época migratória

-, Zanini (2004) propõe uma interpretação de uma história identitária inexistente por meio de uma reconstrução das origens. A família, para ela, é o elo que permite ao indivíduo refazer a história coletiva de seu grupo, mas também refazer a si mesmo.

O estudo de Zanini (2004) discute a recriação da origem a partir da travessia, “o evento median-te o qual os descendentes atuais refaziam, partindo de si mesmos, a história dos antepassados. Migrar, colonizar, ascender, eram os elementos que se apresentavam nas narrativas” (ZANINI, 2004, p. 56). A exemplo de Pina Cabral (2005), estabelece que a recriação das histórias segue certas regras dirigidas a promover a autoestima, ocorrendo também uma reinvenção das tradições.

De modo equivalente, a hipótese com que trabalha Cavignac (2001, p. 76) é a de que as histórias de vida ou as produções literárias são tentativas de racionalizar experiências e trajetórias de vida, como também elaborar e reforçar identidades coletivas ameaçadas pela mudança ocorrida após a migração. “Assim, antes de reproduzir um *corpus* narrativo fixo, os locutores reinventam histórias: (...) não conseguimos atingir ‘a’ verdade histórica, mas uma realidade pensada e às vezes sonhada pelos contadores”.

Este ponto é central ao trabalho de Zanini (2004), pois face à Segunda Grande Guerra, quando os italianos passaram a ser “inimigos” no Brasil, houve como uma “varredura cultural” associada ao estigma de ser italiano e colono. Com o tempo, contudo, ocorreram uma visibilização e também uma valorização da cultura italiana, objeto do trabalho da autora. Onde ser seu tema a construção das memórias, mas também o processo de enraizamento.

O presente estudo segue a mesma orientação decorrente do estigma associado a ser colono e italiano, no caso, colono e judeu: dar visibilidade e valorizar a cultura judaica, além de evidenciar o enrai-

zamento na cultura brasileira dos descendentes de um programa de colonização de judeus no sul do Brasil, ao mesmo tempo em que se revela a busca pela autoestima e uma revalorização das tradições.

A família, compreendida como processo de construção de memórias, torna-se um patrimônio simbólico que agrega valor a seus membros e que interage num mercado de bens simbólicos em busca de poder e prestígio, valoração esta na pessoa do descendente (ZANINI, 2004, p. 57). As famílias, deste modo, efetuam uma partilha que adquire significado.

No caso da herança judaica, deve-se destacar a distribuição desigual dessa herança, favorecendo o primogênito masculino e os homens, em geral (DURÃES, CHAMOUX, FEDERER e KOK, 2009). Onde este estudo pretender efetuar uma partilha simbólica em que estão sendo privilegiadas as mulheres da referida família.

O Estudo: relatos de histórias de mulheres

Um breve relato sobre a genealogia dos personagens se faz necessário. O Reverendo Abraham veio de Markulech, Ucrânia, nascido em 1858, falecido em 1922. Casou-se com Beile Kotek (1859-1937). Vieram já casados e com seus filhos ao Brasil, onde faleceram.

Tiveram sete filhos. Benjamin (1887-1946), o filho mais velho, casou-se com Clara Aronis (1904-1941), em Santa Maria, tendo sete filhos. Neste artigo, são mencionadas as duas filhas mais velhas de Benjamin e Clara: Alegria (1919-1948), cujas filhas foram Elaine e Clara Elisabeth Rabinovich, e Amália (1921-2000).

Freide, irmã de Benjamin, casou com Miguel Galanternik, tendo cinco filhas: Sophia, Anita, Aida, Cecília e Luiza, esta última casada com Bóris Buck, com quem teve três filhas (duas das quais –

Frida e Marli Kunifas – são mencionadas no presente texto).

Albertina, outra filha de Abraham Steinbruch e Beile, casou-se com Miguel Carmos e não teve filhos.

Pinheiro, também filho de Abraham Steinbruch e Beile, teve três filhos, sendo que suas filhas Sarita e Mary são mencionadas, neste trabalho, pela filha de Mary.

Nas cartas dos administradores, escritas na Colônia Philippson e dirigidas à ICA, localizada em Paris, não há referências a mulheres, a não ser na condição de esposas/mães, exceto pela referência a duas mulheres em função do relato obrigatório sobre a condição da saúde dos colonos. Uma dessas duas mulheres é a bisavó Beile Kotec, que já teria vindo da Rússia com uma doença, provavelmente tuberculose pulmonar (*tísica*, *phthisie* em francês)³.

No entanto, no “Rapport de l’administration centrale du conseil de l’administration”, ano 1907, (p. 139), quando havia 42 famílias em Philippson, correspondendo a 272 almas, informa-se que trabalhavam 169 pessoas, 97 homens adultos e jovens e 72 mulheres e moças, acrescentando-se: “Deve-se, contudo, notar que nesta colônia a maioria das mulheres ou moças se ocupam dos trabalhos nos campos com a mesma atividade que os homens”⁴. Portanto, as mulheres trabalharam no campo e em casa, embora não apareçam nas cartas. Tal atividade é citada também por descendentes em entrevistas sobre a história de suas famílias e sobre eles próprios, como no depoimento de Soibermann (1984):

Todos trabalhavam. Lembro-me como minhas irmãs capinavam a lavoura, partindo de casa pela manhã, voltando para o almoço e retornando em seguida ao trabalho. Enquanto isto, meu pai e minha mãe iam para a mangueira tirar leite das vacas, vendendo uma parte aos “turneiros” (as

famílias dos empregados da viação férrea) à razão de 200 réis a garrafa. Pagavam com gêneros de primeira necessidade adquiridos na Cooperativa da Viação Férrea com sede em Santa Maria. Minha mãe (...) ia à lavoura ajudar as filhas na árdua tarefa de capinar e cuidar da plantação. (SOIBELMANN, 1984, p. 42)

Mália Aronis, a outra bisavó, esposa de Mendel, é citada por Eva Nicolaiewsky (1975) como uma das três parteiras da comunidade⁵. Dela, sabemos estar enterrada no cemitério de Philippson, havendo, no túmulo, uma foto sua, na qual se pode observar uma grande semelhança com membros familiares.

Marli Kunifas, em seu depoimento (23/10/2010), assim se refere a Beile:

Quanto aos nossos bisavós, eu sei que o Abraham veio como líder espiritual e que a Beile era, na Europa, de uma família de nível social um pouco mais elevado. E diziam que ela era muito, muito... ah, antipática. A conclusão que eu chego é a seguinte: o meu bisavô era um estudioso, estava sempre rodeado de livros, orientando, lendo e estudando. Ela tomava conta de tudo: da agricultura, dos cavalos, de tudo. Plantava e não nascia nada. O único ano em que nasceu, os gafanhotos comeram. Aí veio aquela netarada toda fazer bagunça na casa. Como ela podia ser simpática? Era meio difícil. E meu pai brincava que minha mãe era desconfiada como a avó dela. A vó Beile, segundo minha mãe, era muito desconfiada. O Abraham dizia: isto é assim, assim. E como é que você sabe?, ela perguntava. Ah, porque eu li. E ela dizia: mas como você sabe que o livro disse a verdade?

Tal depoimento despertou a curiosidade sobre

uma possível história velada, a das mulheres da família, cujo esboço início neste texto.

Se pouco sabemos de Beile e de Mália, podemos traçar aspectos da vida de algumas de suas descendentes que podem ser consideradas como “desbravadoras”, “de vanguarda”, ou “pioneiras”, ou de uma família que está “à frente de seu tempo”, abrindo caminho para outras mulheres.

Devemos, no entanto, iniciar a abordagem desse tema mencionando “as Claras”: Baronesa Clara, esposa do Barão de Hirsch, e Clara Aronis, esposa de Benjamin, o primogênito do Reverendo Abraham. Sobre a Baronesa Clara, a leitura de Frischer (2002) fornece preciosos elementos, tendo ela inclusive sobrevivido ao Barão por mais sete anos, durante os quais continuou e ampliou a sua obra. Uma colônia recebeu o seu nome, assim como é provável que seu nome tenha sido dado a outras mulheres em sua homenagem, como no caso de Clara Aronis⁶, esposa de Benjamin.

Foi provavelmente por meio de Clara Aronis que ocorreu o apego à terra observado na vida de vários de seus descendentes, pois sua família já era ligada à lavoura na Rússia. Foram os Aronis, aliás, uma das famílias responsáveis pelo plantio de fumo na Colônia, que tanta esperança trouxe à mesma, mas que resultou em fracasso. Deve-se acrescentar, contudo, que os demais Aronis não permaneceram na colônia nem se dedicaram à vida rural (entrevista com Clara Elisabeth, 2011).

Clara ficou responsável pela educação dos filhos, permanecendo longos períodos sem a presença do marido, e pode-se supor também que esta história está sendo escrita grandemente por sua causa, por sua influência sobre os filhos e as filhas. Cabe anotar, também, a ênfase que deu aos estudos, fazendo com que as duas filhas mais velhas tenham cursado a Faculdade de Medicina de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A filha mais velha

pertenceu à primeira turma de mulheres médicas no Rio Grande do Sul, uma turma onde havia apenas duas mulheres.

Beile e Abraham tiveram três filhas mulheres: Rareise, Freide e Albertina.

Albertina não teve filhos e se casou com um colono de Philippson que veio a se tornar muito rico, dono de terras em Rio Grande. Albertina teve “uma vida de mulher moderna”, viajando pelo mundo todo, dispondo de louças e roupas requintadas e importadas. Viveu como não viviam as mulheres de sua época, principalmente, as filhas de imigrantes.

Rareise⁷ (Rosa), sem ter se destacado, teve a filha Rita, que se tornou escritora.

Freide é a avó de Marli Kunifas, que assim a descreve:

O que sei da minha avó (Freide) é que era uma mulher extremamente inteligente e, pelo jeito, era muito chamosa, porque meu avô achava ela linda, e eu, pelas fotos, não a considero bonita. Na época, estava na moda, acredito; era bem gorda, mas muito interessante, pelo que sei. Mas sei muito pouco, porque minha mãe tinha 14 anos quando ela morreu. Mas todas as suas filhas fogem do contexto (Luiza, Sophia, Cecília, Anita e Aida). (MARLI, 2011).

A respeito das filhas de Freide (Frida), temos o relato de Marli, destacando como três de suas cinco filhas foram pioneiras nas áreas onde se tornaram profissionais:

A minha mãe (Luiza) foi a primeira mulher farmacêutica do Brasil, juntamente com uma prima. A tia Sophia foi a primeira promotora pública do Brasil; agora tem uma sala, no Ministério Público do Rio Grande do Sul, em homenagem a ela.⁸ E a governadora do Rio Grande do Sul falou que,

não apenas ela abriu o caminho para as mulheres na Promotoria, pois apenas 30 anos depois dela que tiveram outra promotora mulher, como abriu o caminho para todas as mulheres do Rio Grande do Sul. Isto foi dito por estranhos, que nem a conheceram. Tia Anita era uma mulher de vanguarda. Tinha uma turma de boêmios, isso nos anos 50, em Porto Alegre. Ela era boêmia. Tinha uma turma de poetas, jornalistas, escritores, fantástica, ela era a única mulher. E ficavam até altas horas falando sobre literatura, compondo. (MARLI, 2011)

Sophia foi entrevistada em 2000 pela historiadora Loiva Otero Félix para o *Projeto Memorial do Judiciário*. Nessa longa entrevista, versando principalmente sobre a vida profissional de Sophia, pode-se apreender a sua importância por ter sido a única Promotora Pública no Rio Grande do Sul por 30 anos. Relata sempre ter sido a primeira colocada em tudo, exceto em um concurso em que foi a 5ª colocada, devido às suas posições contra o tratamento diferencial à mulher – como a proposta de uma Delegacia para Mulheres, contra a qual sempre se posicionou devido à sua filosofia de igualdade entre as pessoas, segundo a qual não deveria haver um tratamento diferencial em relação às mulheres. Note-se que Sophia sustentou tais posições ao mesmo tempo em que sofreu discriminações por ser mulher e também por sua opção pela vida familiar, junto ao marido e aos filhos, em lugar de ficar mudando de cidade para exercer cargos públicos. No entanto, para destacar a força necessária para enfrentar as dificuldades por ela vividas e para enfatizar seu posicionamento claro e decidido a favor da justiça e contra os donos do poder, recorto um trecho da entrevista:

Entrevistadora: Então, o boato que corre que teria assumido com um revólver é folclórico?

Entrevistada: Eu nunca usei arma e nem sei usar. (FÉLIX, 2000, p. 7)

A outra filha de Freide, Cecília, tinha outras qualidades:

A tia Cecília estudou contabilidade, terminou piano, estenografia, terminou tudo, mas não tinha curso superior. Mas era a mulher mais charmosa que eu já conheci no mundo, nunca vi. (MARLI, 2011)

Das descendentes deste ramo da filha, há pessoas que se destacam:

Raquelita, filha da Cecília e neta da Freide, mora em Belém, Pará. É uma pessoa muito forte. É uma pessoa de grande destaque. Ela foi Secretária de Estado, foi professora universitária, ela é economista, foi diretora da companhia de energia elétrica do Pará e hoje ela é economista do Ministério Público. Chamosa. Presidente da entidade do Centro Israelita de Belém, que é considerado o centro da coletividade. Ela se destaca onde ela trabalha, onde ela penetra.⁹ (MARLI, 2011)

A filha de Raquelita, portanto a 5ª geração, trabalhou na UNESCO e lançou vários livros sobre educação.

Frida, filha da Luiza, estudou Matemática. Frida recebeu várias propostas para importantes cargos no governo, mas não os aceitou, e Marli, primeiro pedagoga e depois advogada, é muito ativa e participa de várias entidades. Suas filhas, embora bem jovens, também se destacam: uma iniciou uma atividade profissional praticamente inexistente no país, a de *coach*; a outra, tendo mestrado em dança e sendo professora universitária desta atividade, recebeu destaque no Festi-

val de Dança Contemporânea do Banco Itaú. A filha de Frida coordena um programa de um produto novo, dirigido a todo o Brasil e o filho é responsável por um importante aglomerado educacional.

A filha de Pinheiro, Mary, foi Promotora Pública no Rio de Janeiro na época em que as mulheres ainda não exerciam tal cargo, e uma sua descendente, engenheira, trabalhava na Petrobrás, em um cargo sempre de destaque. Esta filha, Simone, relata que Mary era

... brilhantíssima. Com 9 anos, no 3º ano, o diretor da escola em Santa Maria achou que a escola estava muito fácil para ela e sugeriu ao meu avô Pinheiro que ela fosse para o ginásio. Como, naquela época, existia uma idade mínima para entrar no ginásio, meu avô mudou, na certidão, o ano de nascimento da mamãe, passando de 1925 para 1923. Aí ela ficou com a mesma idade da Sarita, sua irmã, que era de 23, e a Sarita trocou a idade para ser de 1925, passando a ser então a mais nova dos irmãos para o resto da vida. Mamãe veio para o Rio estudar, onde já estavam o Aarão e Maurício. Veio para um pensionato. Estudou direito e fez concurso para defensora no Ministério Público. Naquela época, a capital era o Rio, e acredito que tenha entrado para o MP federal, porque, quando a capital foi para Brasília, ofereceram a dobradinha, que era o salário pago em dobro para quem se transferisse. Ela não foi, e ficou no MP estadual. Foi promovida a promotora, e é quando, acredito eu, teria se destacado, pois todos tinham muito respeito pela Promotora; além de ser a única mulher judia no cargo, passou para curadora de família, onde ficou por muitos anos. Gostava muito dessa função. Finalmente, tornou-se Procuradora. (SIMONE, 2012).

Marli complementa: “Então, você veja, que é uma família de vanguarda. Uma família que está sempre à frente do tempo”.

Portanto, pensando em transmissão intergeracional ligada a sexo ou a gênero (do lado feminino), temos mulheres que confrontam, que não seguem a média nem a maioria, constituindo vanguardas.

Retomando o relato inicial sobre Beile, percebe-se uma mulher crítica, que não aceita nem o que seu “poderoso” marido, apoiado na verdade bíblica, vaticina; que, mesmo tuberculosa ou sofrendo dos pulmões, encarrega-se de todas as atividades práticas da vida familiar; uma mulher que não se preocupava com a opinião alheia e era antipática; uma pessoa que veio de um estrato sociocultural um pouco superior e que pode, deste modo, ter influenciado seus filhos; enfim, uma mulher forte e contestadora. Essa mulher pode ter sido o estopim para a sucessão de mulheres que se tornam, elas próprias, pioneiras em suas atividades.

À guisa de uma discussão e de considerações finais

Predisposições herdadas: as mulheres

Carvalho (2005), um antropólogo, se detém na análise da transmissão genética familiar, considerada de modo amplo, comentando que “os cientistas sociais deveriam estar atentos à necessidade de refletir sobre o tema a partir de uma perspectiva menos autocentrada em seus próprios nichos de investigação” (p. 107). Nesta direção, o presente artigo se encontra em interfaces da história, da psicologia e da sociologia.

Uma das entrevistadas de Carvalho (2005, p. 108) aponta, como Marli fez, o caráter guerreiro das mulheres. De fato, a ênfase dos relatos está no caráter guerreiro e desbravador das mulheres da família em pauta. No caso, isso pode ser interpre-

tado como uma potencial transmissão por parte da bisavó, Beile, podendo-se propor, a respeito, a emergência de predisposições familiares herdadas.

Carvalho aponta também para a interpretação das semelhanças físicas, como Pierron (2009) também faz no estudo do álbum de família, como modos de incluir/excluir membros familiares ou posicioná-los dentro da hierarquia familiar. Portanto, as famílias utilizam sistemas classificatórios baseados em traços comportamentais e/ou físicos. Para este autor, há sempre “tentativas de enquadramento, criando relações de aproximação ou de distanciamento entre os integrantes dos grupos familiares” (PIERRON, 2009, p. 122).

Ao lermos os relatos acima, pode-se perceber que foi utilizado um sistema classificatório explícito – mulheres desbravadoras, de vanguarda ou pioneiras –, que excluiu, por exemplo, entre as demais mulheres não mencionadas, Rareise, que foi, contudo, enquadrada por outra prima como sendo uma pessoa fundamental na organização e manutenção familiar.

De fato, Cavignac (2001) aponta que a memória não é uma simples reprodução dos fatos e dos acontecimentos, mas um produto de uma elaboração singular do indivíduo sobre a sua própria experiência. “A pessoa repensa e reelabora o passado com a visão presente” (CAVIGNAC, 2001, p. 77).

Assim, como membro feminino desta família, além de agregar valor aos demais membros femininos, repenso e reelaboro o passado perguntando-me sobre a presença destas mulheres, Beile e Clara, totalmente ausentes da história contada apenas pelos homens vencedores.

Heranças simbólicas: o judaísmo

A questão da inserção judaica está em aberto. Referido ao texto de Zanini (2004) sobre os imigrantes italianos que perfazem a travessia de vinda de

seus antepassados, a grande diferença no referente a estes judeus é que, não havendo travessia de volta, é como se não houvesse o antes.

No entanto, algo que caminha na mesma direção desse retorno é um reforço no judaísmo como “origem étnica”. De fato, os descendentes de Benjamin, embora seu avô fosse o responsável religioso da Colônia, denotavam grande desconhecimento das tradições judaicas. Contudo, foram, com os anos, aproximando-se dessas tradições, procurando impô-las aos seus filhos. Nesse sentido, procuraram reivindicar uma origem, mas apátrida, não territorializada.

Hans Borger (1999), ao fornecer uma leitura da Bíblia segundo o contexto social, histórico e geográfico, além de manter o conteúdo propriamente religioso ou, mais especificamente, das práticas religiosas judaicas desde os seus inícios, permitiu aventar uma hipótese sobre a volta à ortodoxia judaica, ou ao que ele chamou de etnocentrismo judaico.

No capítulo em que trata do desterro dos judeus para a Babilônia, em 597 a.e.c., descreve como, face à perda da terra, os desterrados se recusaram a construir um templo na terra alheia e como a sinagoga se tornou o Estado artificial dos desterrados, associando o exílio à emergência da vida simbólica como apoio identitário: “O Exílio, assim, transforma-se na catarse da qual o *shabat* e sinagoga emergem como os característicos sustentáculos da identidade judaica” (BORGER, 1999, p. 138).

Durante tal exílio, necessitavam de parâmetros uniformes e autênticos, donde teria havido a canonização dos Cinco Rolos (Pentateuco), após o que ocorreu o início da formação da segunda parte da Bíblia Hebraica.

Cabe notar os episódios relatados nas cartas dos administradores da Colônia Philippson sobre o roubo da *Torá* (carta 89, de 05 de setembro de 1906) e de sua importância, assim como a descrição de

vários descendentes quanto à importância da manutenção do *shabat* (SIBELMANN, 1984, p. 76-8).

Em 586 a.e.c., há uma segunda deportação de judeus para Babilônia, onde encontram os anteriormente deportados e com a ajuda dos quais conseguiram, em relativo pouco tempo, “estabilizar sua vida econômica e erguer sólidas estruturas comunitárias” (BORGER, 1999, p. 139). Seguiram, assim, o conselho do profeta Jeremias: “Construí casa e as habitai, plantai pomares e comei de seus frutos, multiplicai-vos e preocupai-vos com a prosperidade da cidade para onde eu vos deportei” (Jr.29:5).

Até aqui, encontramos a explicação histórica para o reforço na forma da lei, de um Livro, de sinagogas, no que se transformou na cultura judaica. Além disto, o sábio conselho de Jeremias permitiu que os judeus, através de todos os séculos de desterro, não apenas sobrevivessem como indivíduos e como grupo, mas também como pessoas socialmente engajadas. Os judeus da Colônia Philippon fizeram o mesmo. Embora a “plantação” não tenha correspondido ao esperado e desejado – pelo menos em seus inícios –, tornaram-se parte integrante e importante da coletividade gaúcha.

Com 2500 anos de diferença, encontram-se semelhanças entre esta longínqua história e a história familiar aqui abordada. Em primeiro lugar, os Steinbruch são cohen. Além disto, se não houve, propriamente, um desterro na sua vinda ao Brasil, houve uma migração. Foram imigrantes. Os judeus da Rússia já haviam sido desterrados para uma região onde o Czar os encerrou, o *Pale of Settlement*, além das andanças anteriores através dos séculos. Neste sentido, os judeus têm uma semelhança com os povos nômades: suas riquezas têm de ser imateriais, pela impossibilidade de levar coisas materiais nessas errâncias. Como os !Kung¹⁰ (RABINOVICH, 1992), trazem sua riqueza em suas cabeças, na forma de lendas, costumes, tradições, práticas.

No caso dos judeus, na forma de um livro, a Bíblia, e da prática de estudá-la, além dos 613 mandamentos a ser respeitados contidos na *Torá*.

No caso familiar, ao chegar ao Brasil, assimilaram-se culturalmente, inclusive porque quase não havia judeus (além deles próprios) nos confins onde estavam morando. Tornaram-se verdadeiros gaúchos. No entanto, como na história antiga dos judeus, há um novo momento em que o reforço dos laços judaicos foi realizado: após a vinda a São Paulo, um novo “desterro” se inicia. Com o nascimento dos filhos e com o seu crescimento, retomam a “decisão de isolacionismo étnico” (BORGER, 1999, p. 146), reforçando, sobretudo, o casamento intragrupal, principalmente dos rapazes. “E no primeiro dia do primeiro mês, resolveu-se o problema de todos os homens que haviam tomado mulheres estrangeiras” (Ez.10:17), mandando de volta todas essas mulheres e seus filhos.

Assim, é possível formular a hipótese de que a história se repete, em outras tonalidades, devido a circunstâncias que estão tanto na prática material quanto na prática simbólica. O homem é o homem e a sua circunstância, mas esta circunstância se inscreve em tempos longos, sociais e individuais, além de ser material e simbólica.

A hipótese de Zanini quanto à reconstrução de uma memória e de uma trajetória se ampara, além da busca de poder e de prestígio, em uma resistência à uniformização por estabelecer diferenças e ao pertencimento a uma comunidade, a um “nós”, a uma expansão para a família extensa. Mas também serve a modos de expressão e de autoencontro através dos quais as pessoas encontram elementos que se tornam espelhos de si próprias (SENNETT, 2003).

Zanini (2004) encerra o seu estudo colocando questões sobre os processos de construção identitária de cunho étnico, todas pertinentes e importantes, das quais reteremos algumas: são essas di-

nâmicas de grupos minoritários? os indivíduos vislumbram nas origens (...) um modo de reencantar o mundo? em uma sociedade em que os valores se transformam tanto, vislumbram, na família como instituição, elementos que permitem a manutenção de uma determinada ordem moral?

Às mulheres, pioneiras ou não, couberam as lidas domésticas e os cuidados dos filhos. Se, por um lado, o judaísmo, como prática institucionalizada, tende a segregar as mulheres, as prédicas dos rabinos, por outro, se direcionam a uma ênfase na família judaica e, assim, às mulheres. Como afirmado no início deste item, a questão do judaísmo continua em aberto.

Herdeiros, heranças, hereditariedades

Para Bosi (2004, p. 20), a memória parte do presente cuja percepção é a apropriação do que não mais nos pertence, “dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo” (BOSI, 2004, p. 23). Assim, a reescrita do passado permitiria uma reapropriação de um passado que pode ou não ter existido, mas que persiste em sua continuidade no tempo presente.

Carvalho (2005) descreve que haveria dois modos de lidar com o patrimônio; de forma pragmática, e a que preza a conservação no tempo longo (CARVALHO, 2005, p. 88). Ou seja: transmite-se também a obrigação de transmitir (CARVALHO, 2005, p. 89). Onde poderia estar compreendida a tradição judaica de reforçar os elos da manutenção do grupo.

A família, por sua vez, transmitiu vínculos de solidariedade entre os irmãos e seus descendentes, construindo um espaço “de afetividade coeso, apesar, ou devido, às diversidades enfrentadas” (CARVALHO, 2005, p. 91). Neste espaço de afetividade coeso, pode-se deduzir, do exposto acima, que as mulheres da família, guerreiras ou não, estiveram capitaneando a travessia.

NOTAS

1 Parte de um trabalho mais amplo desenvolvido como pós-doutoramento, junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto, supervisionado pela Profa. Dra Marina Massimi, iniciado em 2012 e intitulado: *Os herdeiros da Colônia Philippson: trajetória de uma família de judeus imigrantes no Rio Grande do Sul*.

2 O Barão de Hirsch fundou a *Jewish Colonization Association* (JCA), em 1891, tornada após 1955, ICA (Israeli Colonization Association). (FRISCHER, 2002, p. 478).

3 *Phtisie*: sinônimo de tuberculose pulmonar (Dic. *Petit Larousse*), mas que pode se referir a qualquer tipo de afecção pulmonar.

4 « Est en effect à remarquer qu'en cette colonie la plupart des femmes ou jeunes filles s'occupent des travaux des champs avec la même activité que les hommes. »

5 A este respeito, na entrevista ao Instituto Cultural judaico Marc Chagall (1987), Isaac Melzer, nascido em 1910, conta que, embora os pais tenham ido a Philippson apenas para se casar, tanto ele quanto seu irmão nasceram na Colônia, pois a mãe retornou a ela para ter os filhos com uma das parteiras.

6 Seguindo a tradição israelita, três descendentes da quarta geração de Clara Aronis Steinbruch portam duas o nome Clara, e uma, Clarice. Vários membros masculinos também receberam os nomes de seus antepassados já falecidos: dois netos receberam o nome de seus avôs materno e paterno, e três da quarta geração receberam o nome de seu avô.

7 Alegria Steinbruch (2011), da quarta geração, recorda, com ênfase, a grande importância de Rareise na vida familiar, tendo sido ela a responsável por cuidar de Beile, que veio a falecer já bem idosa.

8 Na antessala do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, há um enorme retrato de Sophia.

9 Raquelita acaba de ser agraciada com o Colar do Mérito Institucional do Ministério Público do Estado do Pará, no dia

13 de dezembro de 2013, concedido a quem contribuiu com o desenvolvimento institucional ou com relevantes serviços prestados à comunidade.

10 Os !Kung são um grupo de caçadores-coletores que usam uma linguagem de estalidos (representada por !) e vivem em áreas isoladas do deserto de Kalahari.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDR, Frida. *Filipson*. Memórias da primeira colônia judaica no RGS. São Paulo: Fulgor, 1967.
- BARBOSA, Tatiana Machado. "A Jewish Colonization Association (ICA)". In: WAINBERG, J. (Org.). *100 anos de amor. A imigração judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre (RGS): Federação Israelita do RGS, p. 59-68, 2004.
- BORGER, Hans. *Uma história do povo judeu*. v.1.: de Canaã à Espanha. São Paulo: Sêfer, 1999.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. Ensaios de psicologia social. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- CABRAL, João de Pina; LIMA, Antônia Pedrosa de. Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social. *Etnográfica*, v. 11, n. 2, p. 355-388, 2005.
- CARVALHO, Cesar Augusto Ferreira de. *Coisas de família: análise antropológica de processos de transmissão familiar*. Tese (Doutorado em Sociologia), Ciências Sociais da Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CAVIGNAC, Julie A. "Destinos migrantes: representações simbólicas, histórias de vida e narrativas". *Campos*, n. 1, p. 67-98, 2001.
- DURÃES, Margarida; FAUVE-CHAMOUX, Antoinette; FERRER, Liorenc; KOK, Jan (eds.). *The transmission of well-being*. Gendered marriage strategies and inheritance systems in Europe (17th-20th Centuries). Bern: Peter Lang, 2009.
- ELKIN, Judith Laikin. *The Jews of Latin America*. Revised edition. New York/London: Holmes & Meier, 1998 (1ª ed. 1980).
- EIZIRIK, Moysés. *Imigrantes judeus*. Relatos, crônicas e perfis. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.
- FÉLIX, Loiva Otero. Sophia Galanternick Sturm. In: *Projeto Memorial do Judiciário*. Entrevista em 18/10/2000. Disponível em: http://www.mp.rs.gov.br/areas/memorial/anexos_noticias/sophia_galanternick.pdf. Acesso em 15 de setembro de 2011.
- FRISCHER, Dominique. *Le Moise des Amériques*. Vies et oeuvres du munificent baron de Hirsch. Paris: Bernard Grasset, 2002.
- GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração judaica no Rio Grande do Sul*. A Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.
- GRITTI, Isabel Rosa. A colonização de Quatro Irmãos. In: WAINBERG, J. A. (Org.). *100 anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul* (pp. 87-93). Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004.
- GUTFREIND, Ieda. *A imigração judaica no Rio Grande do Sul*. Da memória para a história. São Leopoldo do Sul: Ed. Unisinos, 2004.
- GUTFREIND, Ieda. A atuação da Jewish Colonization Association (JCA) no Rio Grande do Sul. A Colônia Philippson. *WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v.1, n. (1), p. 108-112, 2009.
- GUTFREIND, Ieda. *Comunidades judaicas no interior do RS*. Santa Maria. Santa Maria: UFSM, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. (1ª ed., 1950) (Laurent Léon Schaffter, trad.).
- JEWISH COLONIZATION ASSOCIATION. *La situation économique des israélites de Russie: recueil de matériaux* JCA, 1906.
- JEWISH COLONIZATION ASSOCIATION. *La situation économique des israélites de Russie: recueil de matériaux* JCA, 1908.
- LESSER, Jeff. Jewish colonization in Rio Grande do Sul, 1904-1925. São Paulo: *Estudos CEDHAL*, n. 6, 1991.
- NICOLAIEWSKY, Eva. *Israelitas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Garatuja, 1975.

NORMAN, Theodore. *An outstretched arm: a history of J. C. A.* London/Boston: Routledge & K. Paul, 1985,

PIERRON, Jean-Philippe. *Le climat familial. Une poétique de la famille.* Paris: Les Éditions du CERF, 2009.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. *Modo de vida e a relação mãe-criança: o mamar e o andar, o modo de morar e o modo de dormir.* (Dissertação em Psicologia), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ROMANO, Claude. L'événement et sa phénoménologie. In: ROMANO, Claude. *L'aventure temporelle* (pp. 13-42). Paris: PUF, 2010.

SCHUTZ, Alfred. *O estrangeiro – um ensaio em psicologia social.* Revista Espaço Acadêmico, n. 113, p. 117-129, 2010. (M. Duarte & M. Hanke, Trad.)

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.* Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SOIBELMANN, Guilherme. *Memórias de Philippson.* São Paulo: Canopus, 1984.

WAINBERG, Jacques (Coord.). *100 anos de amor. A imigração judaica no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre (RGS): Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A família como patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de imigrantes italianos. *Campos*, v. 5, n. 1, p. 53-67, 2004.

Casa da Memória Edmundo Cardoso, Santa Maria, RS.

Cartas, documentação histórica, mapas.

ICJMC: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, Porto Alegre, RS.

Local onde obtive acesso a várias entrevistas de descendentes da Colônia Philippson.

YIVO Institute for Jewish Research Library. New York, USA.

Principal fonte de documentação sobre imigração judaica no mundo, principalmente nos Estados Unidos, resultante da união de várias associações.

The New York Public Library Manhattan. Dorot Jewish Division. Room 108/111.

Repositório de quase tudo o que foi publicado no Brasil sobre Philippson. Possui documentos sobre a ICA, como os "Rapports" anuais, e vários livros sobre o Barão de Hirsch e a ICA.

FONTES DOCUMENTAIS CONSULTADAS

AIU: Association Israélite Universelle, Paris, França.

Principal local de acesso às cartas escritas pelos administradores da Colônia Philippson à Direção Central da ICA.

AHJB: Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo, SP.

Cartas da Direção Central aos Administradores. Relatórios Anuais da ICA.

Recebido em 02/10/2013

Aceito em 27/11/2013